

**DORA KRAMER**

**COISAS DA POLÍTICA**

**JORNAL DO BRASIL** 07 MAR 2002

# A 'egotrip' do clã Sarney

O PFL anunciava ontem, em Brasília, que decidirá hoje pelo rompimento com o governo federal, conforme exige Roseana Sarney para que se mantenha candidata à Presidência da República. Espera-se também um "duro" discurso do senador José Sarney – o mesmo que na presidência distribuiu rádios em troca de votos – contendo denúncias graves sobre o uso político que o PSDB faz do aparelho de Estado.

Não nos parece o locutor mais indicado para o tema, mas, enfim, o PFL deve saber o que faz. Inclusive deve estar plenamente consciente de que sai de uma situação politicamente confortável para embarcar num cenário de risco máximo apenas para satisfazer o ego da família Sarney. Isso se entre ontem e hoje se mantiver a opção pelo desprendimento governista.

O que pressupõe, note-se, o abandono de todos os cargos federais na União e nos Estados. Não vale bravatear com a demissão de três ministros cuja saída daria-se – à exceção de José Jorge, das Minas e Energia – daqui a um mês por causa do calendário eleitoral.

Caso resolva mudar o estilo e manter a valentia abandonando qualquer relação com a máquina estatal, o PFL terá de tomar algumas providências urgentes se não quiser ficar apenas com uma candidatura, sobre a qual vigora suspeição, para carregar.

Entre essas providências, matricular-se num curso intensivo sobre como fazer campanhas eleitorais sem recursos do Orçamento da União, só na base do palanque, aqui entendido como discurso de identificação com a sociedade. Para tal, precisará também arrumar um projeto de Brasil que seja diametralmente oposto àquele defendido pela aliança PSDB-PMDB, para não dar a impressão de que o rompimento foi apenas porque a Polícia Federal cumpriu ordem judicial. Haverá de existir um argumento político, ou pelo menos administrativo.

Senão, o eleitorado não cairá no truque. Pois falando em eleitorado, há outro problema para o coletivo do partido: quantos votos será que acoplará ao seu patrimônio rumando à oposição? Aliás, onde arranjará com rapidez uma fantasia de oposição que convença àqueles que há anos vêm o pefelê de braços com o poder, seja ele qual for?

É óbvio que os pefelistas devem também saber perfeitamente o que fazem quando se recusam a votar a CPMF e adotar uma postura contrária ao governo no Congresso. Terão, com isso, de fornecer alguma boa explicação a seus financiadores de campanha – no que tange ao projeto que justificou a aliança com Fernando Henrique – e também dar tratos à imaginação para, na possibilidade de vencer as eleições, poderem dispensar o dinheiro daquele imposto. Nessa, nem o PT, que é mais impulsivo, caiu e votou a favor.

Mas vamos que o PFL resolva mesmo fazer meia oposição: entrega os cargos, diz que rompe, mas mantém fidelidade no Congresso. O eleitor, nesse quadro, terá direito de perguntar, então, que rompimento mesmo é esse? E aí, de novo, a desvantagem para o conjunto dos pefelistas, que caem naquela zona cinzenta em que não se sabe se a mercadoria é carne ou peixe. Como há dos dois em oferta no mercado eleitoral, lógico supor que o freguês opte pelo produto de procedência inquestionável.

Mesmo aquele freguês que poderia esperar da candidatura Roseana uma espécie de função *stand by* para o caso de José Serra patinar sem conseguir chegar a lugar algum, agora – na hipótese do rompimento – o mais provável é que aposte firme no nome do tucano. Pois é evidente, além da reação cartorial, errática e descontrolada da candidata, que esse pessoal, que podemos denominar aqui de PIB, dificilmente se arriscará a prosseguir num terreno que já se sabia algo pantanoso.

Afinal de contas, os personagens principais do episódio em curso não remetem as memórias a um passado recente que guarde relação com Madre Teresa de Calcutá. São biografias a respeito das quais muito já se falou, embora sobre elas nada tenha sido provado. E, numa eleição, mais do que em qualquer outra situação, vale mais o que parece do que o que é.

Ou seja, mesmo que o fato de uma governadora e seu marido serem sócios de empresa privada – o que já soa inadequado – onde guardam-se muitos milhares de reais em dinheiro vivo venha a ser satisfatoriamente explicado, Roseana já perdeu, na percepção popular, sua imagem de vestal. E pela própria incapacidade emocional e inabilidade política de conduzir com frieza um caso que, tivesse sido outra reação, poderia mesmo ser arquivado como mero lance de campanha eleitoral.

Ao vestir a carapuça de vítima do adversário, Roseana deu ao eleitorado a permissão para concluir que, num eventual governo que comandasse, os amigos teriam direito a tudo e apenas aos inimigos seria aplicada a lei.